

Considerações sobre as canções do tempo¹ na poética de Abílio Ferreira

Giovanna Soalheiro Pinheiro*

*Não, nenhum cárcere detém o crepúsculo ou impede
A marcha sangrenta das horas.*

Márcio Barbosa

*Oh, água, voz do meu coração, chorando na areia
Derramando, durante toda a noite, um pranto tão triste,
Deitado, a escutar, não compreendo
A voz do meu coração ou a voz no peito do mar,
Oh água, que implora o descanso, serei eu, serei eu?
Durante toda a noite escuto a água a chorar.*

Arthur Symons²

“Aqueles que antigamente caminhavam nas trevas cantavam canções – *Sorrow songs* –, pois sentiam-se exaustos em seus corações. E assim, diante de cada pensamento que escrevi neste livro, coloquei uma frase musical, a presença de um eco dessas singulares canções antigas nas quais a alma do escravo negro falava aos homens”. (DU BOIS, p. 298, 1999). Tais palavras do escritor afro-americano Du Bois, em *As almas da gente negra*, são essenciais no que tange à compreensão da poética de Abílio Ferreira, pois esta é, antes de tudo, a canção memorial que emerge da alma eterna do povo negro. Seus poemas soam, em alto grau, como “canções da dor” e da alegria, na medida em que põem na escritura poética o tempo resgatado pela reminiscência da escravidão e, da mesma forma, a aspiração infinita de reavivar os laços culturais formadores da identidade africana no Brasil.

Falemos do tempo inerente a tal escritura, já que ele representa, especialmente na produção de Ferreira, uma excursão à lúdica infância e, igualmente, um retorno à Mãe África, a fim de resgatar uma tradição renegada pela própria força da história, como já foi pontuado acima. É bem verdade que o tempo da memória é eterno, sendo ele, indubitavelmente, a única maneira de perenizar as vivências humanas. Devido a isso, para apreender a poesia do autor é necessário ter em mente não apenas a “mundividência” pautada nas experiências de vida do povo negro, o que fica em alto grau evidente na construção de sua prosa, mas é preciso também fazer um movimento que vai do mundo exterior para o interior, tendo em vista o caráter peculiar de sua expressão poética. Em meio ao lirismo que povoa a poética de Abílio, há um mergulho profundo nas vozes daqueles que ainda fazem ecoar hoje um “grito velado”, repleto de dor soluçante, sentimento de revolta e vontade de reconhecimento.

¹ Na realidade, a expressão Canções do tempo é uma variante das *Sorrow Songs*, “Canções da Dor”, presentes em *As almas da gente negra* de Du Bois.

² A canção epigrafada inicia o primeiro capítulo “Sobre as nossas lutas espirituais” presente na obra *As almas da gente negra* de Du Bois.

Neste conciso texto serão analisados alguns poemas presentes na antologia de contos e poesia *Fogo do olhar*. Mas antes disso, não podemos deixar de mencionar que, na obra de Ferreira, a referência ao social se faz presente em forma de uma reflexão lírica, como nos descreve o texto de Adorno intitulado “Palestra sobre lírica e sociedade”, presente em *Notas de Literatura I*. Em tal texto é possível notar uma afinidade profunda entre a forma e sua percepção do mundo social. Para o pensador alemão as “composições líricas não são abusivamente tomadas como objetos de teses sociológicas, mas sim quando sua referência ao social revela nelas próprias algo de essencial, algo do fundamento de sua qualidade” (Adorno, 2003, p. 66). Portanto, na medida em que o sujeito empírico de Ferreira se apresenta na escritura, há a revelação de uma verdade essencial intrínseca às experiências coletivas do Atlântico negro³. Nesse sentido é possível notar um diálogo com as produções de Cruz e Souza e Oswald de Camargo que, da mesma forma que o autor aqui estudado, depositaram na poesia símbolos agudos de suas dores íntimas. Um belo exemplo é o poema “tambores” que nos permite mergulhar no rio do tempo e perceber a dor cruel daqueles que vivenciam o isolamento:

Canto
Rufam os tambores
E a índole fundida em mim
Comove e move as imagens que já vi
Os odores são assim – invisíveis
Mas pregados no ar
a ameaçar
as pedras
do mesmo modo vivem as cores
que em silêncio
vão marcando uma presença nobre
nos espaços pobres que há [...]
(Tambores, p.11).

Não é difícil perceber que os sons emitidos pelos ritmos dos tambores estão na essência dessa composição, sendo um dos motivos que permeia a obra poética de Abílio. A bem-dizer são as melodias da própria memória coletiva do povo negro. O tambor é um elemento intimamente ligado à musicalidade e à tradição cultural africana. Tocá-lo, conseqüentemente, é fazer um resgate das imagens ancestrais, como fica expresso nos versos acima, e trazê-las para o presente. Não podemos deixar de fazer referência aos recursos estéticos utilizados pelo autor na construção de sua poesia. Alguns exemplos muito evidentes de musicalidade são o emprego das aliterações nasais em M e N e ainda a presença das oclusivas bilabiais, recursos que podem ser notados em toda configuração dessa poética.

Outro belo exemplo é “lembança da dança” que, além da referida musicalidade, nos remete aos corpos negros chibatados pelos senhores de escravos e, igualmente, à tradição cultural da dança africana:

E pensar que nossos gestos
Derramamento de braços
Corredeira de olhares
Ondulações corporais enfim

³ In: *O Atlântico negro*, de Paul Gilroy.

Eram nada mais que manifestação gritada
E pensar que nem pensávamos no feio das coisas
Porém tínhamos as veias já saltadas
Dilatadas pelos sons universais da euforia
E vagar pelas quebradas espontaneamente históricas
Essas bocas temporais que deglutiram nossos medos
Entre os dedos como líquido viscoso e quente
O tempo foi escapando em doses fluídas e fecundas
Canções encontros rastros descobertos
Atrás de nós alguns amores sólidos
Outros mortos
Outros simplesmente adormecidos
Todos espalhados no caminho afunilado que -
Fincado no tempo -
Nos golpeia a mente qual um espetáculo de dança
(lembração da dança, p. 36).

A música novamente se faz presente no poema, mas pelo natural acalento da dança. O sujeito poético nos faz viajar à África e, de certa maneira, vivenciar, um outro tempo em que não existiam diferenças; em que a harmonia dos corpos reverenciava o poder dos orixás e fazia com que o povo negro transcendesse no tempo, cultivando suas raízes. Outro sentido aceitável é o balanço dos corpos, açoiados pela tragédia da escravidão africana no Brasil. Não se trata apenas do castigo físico, mas, sobretudo, do “açoiote moral” ao qual foram submetidos os negros em nosso país. É a dança da solidão, da tristeza e da aflição e, ao mesmo tempo, da vontade de penetrar o passado e modificar os caminhos aflitos que perpassaram a existência do povo negro. A música e a dança representam a própria memória resguardada pelas vozes poéticas que, terminantemente, ecoam os seus gritos de horror, em alto grau, presentes nas marcas do corpo.

A poesia de Abílio Ferreira é repleta de imagens do passado, sendo elas apreendidas, muitas vezes, pelos sons fluidos da música e por outros elementos da tradição ancestral. Deixo, por fim, alguns versos de “Estória no telespelho”, nos quais a consciência bipartida e os sonhos da infância parecem gritar e reconstruir uma identidade que, ao longo dos séculos, foi refutada por uma suposta democracia racial.

Outra vez, temos presente o símbolo do espelho – recorrente em uma parte considerável da poética afro-brasileira – construindo a imagem ou o reflexo da voz poética que tenta, fortemente, reerguer-se.

Falemos de nós agora
Contemos nos dedos o que fomos nós
Lembra da inocência!
Pra onde foram aqueles meninos danados?
Nossas fantasias ficaram nas calças Curtas
Nos pés descalços, na bola de capotão
Éramos perfeitos atores, às vezes
Representando uma realidade que víamos
Com a consciência lambusada de doces
E auto-rejeição [...]

(Estória no Telespelho, p. 37).

Nos versos acima, torna-se manifesta a presença desse eu coletivo, por meio das próprias expressões linguísticas. A utilização da 1^o pessoa do plural – “façamos de nós”, “contemos nos dedos”, “nossas fantasias” – evidencia as dores e angústias da gente negra. Essa voz coletiva parece endossar um passado que é inerente não apenas àquele que ressoa o canto, mas a todos os que se sentem presentes dentro dele. O presente do subjuntivo indica ainda a íntima necessidade de eternizar as imagens do passado na atualidade; e em grande medida, obrigam-nos a reconhecer as diferenças, mostrando-nos a “consciência lambusada de doces” e, portanto, a própria inocência da infância. “Estória no telespelho” é um grito velado, mas que entoará sempre a sua mensagem, sobretudo a partir de um mergulho no tempo, perpassando o jogo dialético entre o ontem e o hoje.

Referências:

- ADORNO, Theodor. *Notas de Literatura*. São Paulo: Duas Cidades/editora 34, 2003.
- DU BOIS, W.E.B. *As almas da gente negra*. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999.
- CESAIRE, Aimé. *Agulha – Revista de Cultura*, v. 54, novembro/dezembro de 2006. Disponível em: <<http://www.revista.agulha.nom.br>>.
- FERREIRA, Abílio. *Fogo do olhar*. Belo Horizonte: Mazza; São Paulo: Quilombhoje, 1989. (poemas e contos).
- Cadernos negros* 7. São Paulo: Quilombhoje, 1984.

* Graduanda em Letras pela UFMG